

Intuições e Conceitos

Elan Moisés Marinho da Silva

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

elanmarinho@hotmail.com

Hoje em dia, há uma imagem de que o filósofo é uma figura que fica sentada em uma poltrona pensando sobre suas questões e chegando a suas conclusões. Essa imagem não está completamente errada. Na filosofia, existem realmente métodos “de poltrona”. Diversos filósofos procuram fazer filosofia com pouco apelo à evidência experimental e parte significativa dos filósofos sequer procuram fazer experimentos controlados para verificar suas hipóteses. Nesse sentido, uma imagem mais aproximada da filosofia de poltrona é aquela em que os filósofos trabalham com intuições e conceitos.

Segundo o último survey do PhilPapers de Bourget & Chalmers (2020), cerca de 70% dos filósofos tendem a considerar que o método de análise conceitual é útil ou importante na filosofia⁹. De fato, esse método está presente em diversos momentos da história da filosofia recente. O resultado da análise clássica do conceito de conhecimento, por exemplo, é o de que crença, verdade e justificação são condições necessárias e suficientes para o conhecimento. Para testar se isso é verdade, submetemos essa tese a contraexemplos, como ocorreu com os Casos Gettier, famosos pelo trabalho de Gettier (1963). Nesse caso, os filósofos utilizam análise de conceitos para intuir sobre a natureza do próprio conhecimento. Na filosofia analítica, o apelo a intuições também é presente em filosofia da mente (Jackson, 1986), em ética (Nozick, 1974), em filosofia da linguagem (Kripke, 1980) e outras áreas da filosofia.

Seguindo Mazzone & Lalumera (2010, p. 48 ss.), conceitos parecem úteis em diversas partes da nossa vida. Eles parecem servir para explicar a comunicação linguística, os processos de inferências, raciocínios e diversos processos de abstração.

⁹Segundo o último resultado do PhilPapers, 70.92% dos filósofos tendem a aceitar o método de análise conceitual e 11,60% tendem a rejeitá-lo. Quanto aos métodos de apelo a intuições, a aceitação é de 49,45% e a rejeição é de 29,02%. Isso indica que nem todos os filósofos que utilizam análise conceitual consideram que esse método envolva apelo a intuições. Ainda assim, sabemos que pelo menos metade dos filósofos (49,45%) reconhecem o apelo a intuição como um dos principais métodos da filosofia.

Segundo Margolis & Laurence (2021), existem três principais teses sobre a natureza metafísica de conceitos: a de que eles são representações mentais, a de que são habilidades e a de que são objetos abstratos. A tese de conceitos como representações mentais é que a possui maior poder explicativo, mas também é a que sofre mais críticas.

Para propósitos filosóficos, creio que o ponto mais importante sobre conceitos seja o da sua estrutura interna. Normalmente, os filósofos agem como se conceitos tivessem estruturas essencialistas, ou seja, estruturas rígidas, estáveis, que não mudam ao longo do tempo. Segundo Mazzone & Lalumera (2010), do outro lado do essencialismo está a tese contextualista sobre conceitos, isto é, de que as estruturas de conceitos são “criadas na hora” dadas as necessidades de um contexto.

Minha hipótese, entretanto, é a de que existem várias propostas sobre estruturas conceituais entre o essencialismo e o contextualismo. Existe a proposta de Searle (1958) sobre o conceito de ‘Aristóteles’ associado ao nome próprio “Aristóteles”, que possuiria uma estrutura de soma lógica ou disjunção inclusiva. Também existe a proposta de Hansson (1996) de definir “ciência” por uma lista de multicritérios não exaustiva. Isto é, essa lista de multicritérios reflete uma estrutura interna filosoficamente “atípica” para o conceito de ciência. Existe também a *Homeostatic Property Cluster Theory* aplicada aos conceitos relativos a espécies, que não é essencialista (Ereshefsky, 2017). Se conceitos possuem diferentes papéis em nossas vidas e referem-se a coisas tão diversas, é esperado que eles possuam diferentes estruturas internas.

Nesse ponto, é importante situar o problema da conexão entre intuir que P e a verdade de P, exposto por Earlenbaugh & Molyneux (2009). Qual é a conexão entre intuir que P e a verdade de P? Se não sabemos qual é essa conexão, nossa confiança em conceitos deve se abalar. Para enfrentar esse problema, podemos situar conceitos como mediadores entre intuições e o mundo. Nos Casos Gettier, por exemplo, pensamos sobre o conceito de conhecimento, mas nossa conclusão é sobre o próprio conhecimento. Autores como Benovsky (2013), Jenkins (2014) e Rolla (2021) tendem a defender que intuições miram primariamente em conceitos. Nesse sentido, Jenkins (2014) considera que intuições são sensíveis à estrutura dos conceitos; que a estrutura dos conceitos é sensível à nossa experiência; e que a nossa experiência é sensível à estrutura do mundo. Se intuições forem conflitantes e variarem significativamente sobre um mesmo conteúdo,

podemos supor um relativismo ou contextualismo sobre o objeto de estudo em questão — ou que os conceitos, por pelo menos uma das partes, foi obtido de forma inadequada. Diante disso, Jenkins (2014) parece nos situar uma boa resposta ao problema da conexão.

Ainda assim, pode-se sugerir que, em algumas situações, intuições não são confiáveis sequer para dizer algo sobre conceitos. Para Rolla (2021), no método de avaliação por intuições utilizamos intuições sobre conceitos em cenários muito atípicos, como aqueles em que existem entidades sobrenaturais, anjos ou gênios malignos. Para situar esse ponto, ele mostra evidências empíricas de que nossa cognição é menos confiável em algumas tarefas quando estamos lidando com cenários atípicos e distantes das nossas práticas de uso de conceitos¹⁰. Ele supõe que isso também ocorra com intuições sobre cenários atípicos e que, portanto, elas sejam menos confiáveis em tais cenários.

Possuo três objeções contra Rolla (2021). A primeira é de que as pessoas aprendem a usar sua cognição em situações atípicas. Uma pessoa pode aprender, por exemplo, a caminhar sobre terrenos íngremes. Analogamente, podemos inferir que uma pessoa pode aprender a intuir sobre cenários atípicos. A segunda objeção é a de que “cenários atípicos” da filosofia nem sempre são utilizados pela falta de cenários típicos ou reais, e sim para evitar avaliações enviesadas de cenários reais (como ocorre com o caso do violinista de Thomson, 1971) ou mesmo para deixar o cenário com um número pequeno de elementos para a pessoa memorizar (como ocorre com alguns Casos Gettier). A terceira objeção é a de que aprendemos a utilizar conceitos também com cenários ficcionais. Uma evidência disso é o papel que a ficção possui em nossas vidas. Logo, a existência de um anjo, um milagre, mágica ou de um gênio maligno no cenário não seria necessariamente um problema.¹¹

Diante disso, o fundamento das intuições é conceitual. Se intuições versam primariamente sobre conceitos, o seu funcionamento depende da estrutura interna que os

¹⁰ Na tarefa de Wason (1968), as pessoas precisam fazer um raciocínio *modus tollens*. O que Wason percebe é que 90% das pessoas fazem o raciocínio incorreto quando a tarefa envolve os caracteres ‘A’, ‘D’, ‘2’ e ‘3’. Quando trocamos caracteres por uma situação mais próxima da nossa prática de uso de conceitos (exemplo: “se uma pessoa bebe álcool, ela deve ter mais de 18 anos”), as pessoas se saem melhor.

¹¹ Certamente, uma objeção mais completa contra Rolla poderia ser feita, sobretudo levando em conta a possibilidade de aquisição de expertise sobre como pensar adequadamente em cenários atípicos, e detalhando como adquirimos conceitos por meio da ficção. Entretanto, essa tarefa está para além do escopo deste texto.

conceitos admitem. Além disso, a avaliação de casos considerados atípicos não põe em xeque o papel que as intuições podem assumir de versarem sobre o mundo. Ainda assim, a confiabilidade das intuições para versarem sobre o mundo é determinada pela história de como adquirimos os conceitos envolvidos nos cenários que estamos intuindo.

PALAVRAS-CHAVE: INTUIÇÃO; ANÁLISE CONCEITUAL; METAFILOSOFIA; GETTIER; CONCEITO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENOVSKY, Jiri. (2013). From Experience to Metaphysics: On Experience-based Intuitions and their Role in Metaphysics. **Noûs** 47(3): 1–14;
- BOURGET, David & Chalmers, David J., **Philosophers on Philosophy: The 2020 PhilPapers Survey**. Disponível em: <<https://survey2020.philpeople.org/>>. Acesso em 31/10/2022.
- EARLENBAUGH, Joshua & Molyneux, Bernard. (2009). If Intuitions Must Be Evidential then Philosophy is in Big Trouble. **Studia Philosophica Estonica**: 35–53
- ERESHEFSKY, Marc. “Species”. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Edição de Outono 2017). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/species/>>. Acesso em: 31/10/2022.
- GETTIER, E. (1963). Is Justified True Belief Knowledge? **Analysis** 23 (6):121-123.
- HANSSON, Sven Ove (1996). Defining pseudo-science. **Philosophia Naturalis** 33 (1):169-176.
- JACKSON, Frank (1986). What Mary Didn't Know. **Journal of Philosophy** 83 (5):291-295.
- JENKINS, C. S. I. (2014). Intuition, ‘Intuition’, Concepts and the A Priori. In Booth ANTHONY ROBERT & P. Rowbottom Darrell (eds.), **Intuitions**. Oxford University Press.
- KRIPKE, Saul A. (1980). **Naming and Necessity**. Harvard University Press.
- MARGOLIS, E. & Laurence, S. (Edição da Primavera de 2021). “Concepts”. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2021/entries/concepts/>>.
- MAZZONE, Marco & Lalumera, Elisabetta (2010). Concepts: Stored or created? **Minds and Machines** 20 (1):47-68.

- Nozick, Robert (1974). **Anarchy, State and Utopia**. Basic Books.
- ROLLA, Giovanni (2021). Contra intuições. **Filosofia Unisinos** 22 (1):21-28.
- SEARLE, John R. (1958). Proper names. **Mind** 67 (266):166-173.
- THOMSON, Judith Jarvis (1971). A defense of abortion. **Philosophy and Public Affairs** 1 (1):47-66.
- WASON, P. 1968. Reasoning about a rule. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, 20(3): 273-281.